

**PRÁTICAS DOCENTES EM TRANSFORMAÇÃO:
O PROJETO CONEXÃO PROFESSOR E O IMPACTO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Adriano Vargas Freitas

Mestrando em Educação pela
Universidade Católica de Petrópolis
adrivargas@uol.com.br

Lígia Silva Leite

Prof^a. Dr^a. Titular do Curso de Mestrado em Educação da
Universidade Católica de Petrópolis
ligialeite@terra.com.br

Resumo

No início de 2008 a Secretaria de Educação Estadual do Rio de Janeiro iniciou a entrega de 31000 *laptops* com acesso à *internet* aos seus professores. Com vistas a compreender o impacto que estas novas tecnologias podem ter causado sobre o trabalho destes docentes, assim como as necessárias habilidades e competências para que estes profissionais se sintam seguros diante delas, desenvolvemos nossa pesquisa cujos principais tópicos apresentamos neste artigo. Para a pesquisa de campo selecionamos um grupo de professores de uma escola situada no interior do estado. Utilizando abordagens qualitativa e quantitativa analisamos os dados obtidos através de questionários, entrevistas e observações. Uma das conclusões obtidas é a crescente percepção de que o uso de novas tecnologias pode facilitar e ampliar o trabalho docente, tornando-o mais colaborativo; mas é imprescindível que seja oferecida a esse docente uma capacitação para a utilização de forma crítica e autônoma desses recursos.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação, Alfabetização Tecnológica do Professor, Projeto Conexão Professor.

Considerações Iniciais

Tão antigas quanto a espécie humana, as tecnologias têm garantido ao homem um processo crescente de inovações nos diversos campos do conhecimento, possibilitando aumento na qualidade de vida e trabalho, autossuficiência e a supremacia sobre outros animais. Kenski (2008, p.15) nos lembra que “tecnologia é poder”, pois, desde o início dos tempos, o domínio de determinados tipos de tecnologias, assim como o domínio de certas informações, distingue os seres humanos entre si. Da Idade da Pedra aos nossos dias, os vínculos entre conhecimento, poder e tecnologias sempre estiveram presentes. Porém, adaptar-se ao complexo movimento do mundo atual requer uma agilidade maior que em tempos passados.

Estamos diante do nascimento de um “sétimo continente” (DEL PRIORI, 2008, p.63), um ciberespaço feito de redes de comunicação, capazes de gerar e diminuir as desigualdades de informação e conhecimento. Um mundo virtual que já existe e se expande em uma velocidade assustadora, pois com o advento da *internet* criou-se uma nação sem bandeira ou território físico definido, uma grande nação cibernética (NETTO, 2005, p.20), onde a barreira de espaço e tempo não leva mais que alguns milésimos de segundo para ser superada. A facilidade ao acesso e produção de informação é hoje uma das características mais dominantes neste novo mundo.

Tais reflexões nos remetem à crescente necessidade de uma análise sobre o papel da escola neste novo mundo e, em especial, do profissional que irá atuar nesta escola. A formação recebida por este profissional terá sido suficiente para que ele se sinta à vontade para lidar com estas novas formas de comunicação? Possibilitar inclusão digital abrangente parece de fato ser mais um dos grandes desafios que o sistema educacional brasileiro deve transpor e que nenhuma equipe que desenvolve políticas educacionais deve ignorar, pois são muitos os contrastes e desníveis a serem vencidos nesta área.

Na tentativa de entendermos de que forma os elementos e atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem podem ser afetados a partir da utilização das novas tecnologias, em especial o computador e a *internet*, desenvolvemos a pesquisa cujo foco central incidiu sobre um projeto ao mesmo tempo pioneiro e polêmico, desenvolvido e

implementado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEE-RJ) de entrega de um *laptop* com acesso à *internet* aos docentes de sua rede. Este projeto foi denominado de Conexão Professor.

A partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, nos foi possível acompanhar a história desse projeto. Nossa pesquisa de campo teve sua metodologia embasada em Gil (2008) e Creswell (2007), tendo sido iniciada com um levantamento de campo (*survey*) realizado através de questionários com questões do tipo semi-abertas com um grupo de professores que lecionam em uma escola situada no interior do estado do Rio de Janeiro e que receberam o *laptop*. A partir dos dados colhidos nesta fase, selecionamos dois profissionais para coletarmos informações através de entrevistas com perguntas do tipo abertas. Essa parte da pesquisa nos permitiu um estudo sobre as características que podem oferecer um entendimento das posturas dos docentes e seus trabalhos pedagógicos com relação ao uso de novas tecnologias, assim como possíveis comparações referentes a atitudes, conceitos e formas de utilização de novas tecnologias por parte desses profissionais.

O Projeto Conexão Professor

A publicação em Diário Oficial do projeto Conexão Professor aconteceu em janeiro de 2008. Tal documento prevê a “disponibilização de computadores para uso pessoal dos professores da rede pública Estadual em suas atividades de ensino e pesquisa”, considerando a “necessidade premente de dar subsídios e equipamentos de trabalho ao corpo docente do Ensino Médio e do segundo segmento do Ensino Fundamental, visando ao aprimoramento do exercício de suas funções” (RIO DE JANEIRO, 2008 p.16). Deste documento destacamos:

Art. 3^o - Os professores beneficiados deverão se comprometer a introduzir e intensificar o uso do computador em sala de aula e em laboratórios de informática educativa, como instrumentos de melhoria de seus cursos e da formação de seus alunos.

É importante ressaltar neste artigo, o comprometimento que cada professor fará ao aceitar o *laptop* em regime de comodato diz respeito à introdução e intensificação do uso

do computador em sala de aula e fora dela. Em contrapartida, a SEE-RJ se comprometeu a oferecer apenas a capacitação para o uso de softwares básicos.

O processo administrativo para a compra de 31 mil *laptops* foi aberto em 26 de novembro de 2007, quando a SEE-RJ ainda estava sob a responsabilidade de Nelson Maculan. Nove dias úteis depois, o pregão eletrônico foi iniciado no Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação, presidido por Tereza Porto, que em 18 de fevereiro de 2008 assumiu a pasta da Educação. Ao tomar posse no Palácio Guanabara, Porto concedeu entrevistas em que fez o anúncio da entrega dos *laptops* aos professores como sendo o primeiro grande ato de sua gestão.

Nas palavras de Porto (2008), o projeto Conexão Professor pode ser definido como “o primeiro passo para a implementação de um projeto maior denominado de *Educação para a Sociedade do Conhecimento*”, que além dessa entrega dos *laptops* ao custo de aproximadamente 70 milhões de reais, criaria laboratórios de informática com acesso à *internet* em todas as escolas da rede. Os objetivos principais do projeto foram apresentados pelo Superintendente de Planejamento da SEE-RJ, Evaldo Bittencourt (2008), como sendo a derrubada do medo por parte do professor com relação às novas tecnologias e sua rotineira utilização para uma posterior utilização em sala de aula.

Em carta entregue junto ao equipamento aos professores da rede estadual de ensino, o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (2008), relatou sua percepção de que novas tecnologias podem gerar mudanças na Educação, pois “vivemos em um mundo novo, que muda cada vez mais rapidamente”, desta forma, o computador e a *internet* poderiam aproximar as pessoas e acelerar o crescimento eletrônico.

Nas primeiras semanas de implementação do projeto, a SEE-RJ criou um serviço “tira-dúvidas” pelo telefone. Alguns meses depois foram oferecidos alguns cursos presenciais e a distância de capacitação aos softwares básicos, além de cursos oferecidos pela Coordenação de Tecnologia Educacional, na modalidade à distância, para o uso pedagógico de novas tecnologias. Porém, em nossa pesquisa, verificamos que em geral, pelo menos dentre o grupo de professores consultados, tais artifícios não têm sido suficientes para que se sintam confortáveis na utilização de novas tecnologias em sala de aula.

O debate sobre o projeto Conexão professor: apresentando algumas vozes

“Troco meu *laptop* pela verdadeira valorização do profissional da educação e por uma escola pública de qualidade”. Este é o título da carta redigida pela direção do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE) distribuída aos seus filiados e disponibilizada no site da entidade. A simples leitura do título desta carta já nos revela o seu posicionamento. Após desgastante debate, a assembléia realizada no dia 15 de março de 2008 aprova a deliberação de que os diretores do SEPE não deveriam aceitar os *laptops* como forma de protesto contra a “demagógica” forma de tentar “maquiar os gravíssimos problemas das escolas públicas em nossa rede” (SEPE, 2008). Dentre os motivos listados nesta carta para o posicionamento político de recusa, podemos destacar o referente a um ponto bastante polêmico e que gerou muita discussão: o valor pago pelas máquinas.

(...) Aliás, por que o governo paga cerca de R\$ 1.900 por cada *laptop*? No comércio local custa bem menos. Não aceitamos essa nova versão de “propaganda enganosa”, (...) com o pretexto de montar palanque para apoiar os seus candidatos, nas eleições municipais deste ano. (...) Assim, ao negar o recebimento destes *laptops*, TROCAMOS a hipocrisia dessa “política eleitoreira” pela verdadeira valorização dos Profissionais da Educação.

Neste mesmo período, na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, uma das vozes que mais se pronunciou com relação ao projeto Conexão Professor, foi o Deputado Conte Bittencourt. Em seu discurso na sessão ordinária no dia 14 de fevereiro de 2008, argumenta que a escola pública é o principal local de democratização e acesso à *internet* e, embora levante discreto elogio ao projeto, critica o fato de a SEE-RJ não criar um programa de capacitação dos professores para o adequado uso das máquinas, e ter retirado o dinheiro para a aquisição das máquinas de um Fundo que não teria sido criado com esta finalidade.

(...) Mas houve uma situação mais preocupante, (...) a questão do uso indevido dos recursos do Fundo Estadual de Combate à Pobreza. O governador Sérgio Cabral retirou, em dezembro, 60 milhões do Fundo

estadual de Combate à Pobreza para comprar 31 mil *laptops*, (...) achando que essa é uma ferramenta, (...) para auxiliar os programas complementares de combate e erradicação da pobreza e da miséria (BITTENCOURT, 2008).

O discurso segue com a indicação de que o posicionamento não é radicalmente contrário ao do Governador, mas que acredita que este projeto só serviu para criar um fato: “gerar no ouvido da população um ar de inclusão digital”.

Mas, afinal, qual é a opinião do professor com relação a estes projetos? Existe um local onde seja possível este professor expor sua opinião sobre tais projetos? A voz do professor foi ouvida pelas autoridades políticas que traçaram o projeto? A voz do professor foi ouvida pelo Sindicato que se anuncia como seu representante?

Tais questionamentos nos remetem a reflexões apresentadas pelo historiador marxista Eric Hobsbawm, para quem “a vontade do povo, ainda que expressa, não pode determinar as tarefas efetivas e específicas do governo, (...), a vontade do povo não julga os projetos, e sim o resultado deles” (HOBSBAWM, 2007, p.110). Referindo-se ao desenvolvimento de projetos educacionais elaborados e implementados na ordem vertical (de cima para baixo) sem necessariamente obedecer a promessas de campanha, consultar a população, ou a parcelas específicas dela, Lucena (2008) argumenta:

É importante a iniciativa do governo em disponibilizar as TIC para as escolas públicas. Contudo, (...) o que temos visto até o momento são propostas, sempre obedecendo a uma ordem vertical, sem que sejam consultadas as partes interessadas - a comunidade escolar. (ibid., p. 244).

Dois fenômenos que se complementam são apresentados como possíveis causas para o silêncio dos professores: “de um lado, a desvalorização do trabalho do docente; por outro, a existência de mecanismos repressivos que impedem o seu livre expressar” (ibid., p. 2). Na tentativa de romper estas barreiras alguns professores saíram em busca de espaços alternativos onde pudessem ser escutados. Encontramos, então, análises dos professores relacionadas ao projeto Conexão Professor apresentadas no ambiente da *internet*, em debates travados em tribunas virtuais. Como exemplo destas democráticas tribunas virtuais destacamos o portal “Educação Pública”¹, na seção “sua opinião”. Uma boa parcela de postagens encontradas neste ambiente ressalta que apenas o empréstimo desta ferramenta

¹ Endereço: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/>> Acesso em: 14.03.09.

não significa valorização do profissional, e que se ressentem do esquecimento, por parte das autoridades, das outras carências da categoria.

Na minha opinião, é uma medida extremamente demagógica! O gasto com a aquisição e manutenção desses *laptops* deveria ser poupado, para o reajuste salarial dos professores, que (sobre)vivem com salário aviltante, vergonhoso! Além do fato de que o *laptop* não se conecta à *internet* em qualquer lugar. O que acontece é que estão sendo utilizados muito mais para exibição de vídeos em CD-ROM, ou como editores de texto, de que como “computador de verdade”! (Prof^a. Érika, postagem feita em 10/09/08).

Diversas postagens convergem para a percepção da importância de se atualizarem com relação a tecnologias que muitos de seus alunos dominam e já incluíram de forma natural ao seu dia a dia, mas ressaltam que não sabem de que forma farão estas tecnologias possibilitar experiência, inovações e pesquisas no ambiente escolar.

Pesquisa de campo: o impacto de novas tecnologias sobre os docentes

Para a realização da pesquisa de campo selecionamos uma escola pertencente à rede estadual de ensino situada na periferia da cidade de Petrópolis. Dos trinta e três professores que receberam o questionário, somente seis declinaram do convite para participar desta pesquisa, o que nos proporcionou chegar então, a vinte e sete questionários recolhidos. O questionário utilizado nesta primeira parte da pesquisa de campo foi elaborado com questões do tipo semi-abertas, que nos permitiram comparar aspectos importantes para o entendimento de características que tornam o docente apto para o uso não apenas do *laptop*, mas de uma gama de tecnologias que possam gerar mudanças em sua prática pedagógica.

Dos vinte e sete docentes consultados, temos oito homens (29,6%) e dezenove mulheres (70,4%) com idades que variam de 25 a 65 anos, apresentando uma concentração maior nas faixas de idade compreendidas entre 25 a 35 anos. Poucos destes docentes trabalham mais de 10 anos na rede e doze deles trabalham há menos de dois anos em colégios estaduais. Uma considerável parcela leciona com uma carga horária semanal que varia entre 25 a impressionantes 72 aulas. 88,8% acusaram já possuírem computador antes de receberem o *laptop*, e 77,8% já haviam frequentado algum curso relacionado ao uso geral do computador. Quando perguntamos se já haviam participado de um curso para o

uso pedagógico do computador, verificamos que 85,2% responderam não. 88,9% revelaram que desconhecem os cursos oferecidos pela SEE-RJ, e a pouca divulgação foi apontado como principal causa para esse desconhecimento.

Com relação ao uso do computador recebido, indagamos em que medida ele teria contribuído para a inclusão digital do docente. Quinze docentes (55,5%) indicaram a opção “muito”. Como exemplo de justificativa para esta resposta, apresentamos:

Com o *laptop* e o acesso fácil à *internet*, o professor tem em suas mãos maior facilidade de enriquecer suas atividades pedagógicas. (Prof. 2).

Um total de dez professores (37%) assinalou a opção “em parte”, e uma parcela destes docentes indicou que faltou por parte da SEE-RJ a preocupação com a capacitação adequada para o uso do *laptop* recebido.

O que seria necessário aos professores para que incluam novas tecnologias em sua prática pedagógica, dentro e fora de sala de aula? Esta indagação veio acompanhada de uma lista com oito opções elaboradas a partir do desenvolvimento da parte teórica de nossa pesquisa. Os dados obtidos nesta questão são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Indicações dos professores sobre o que é necessário para que haja a inclusão de novas tecnologias em sua prática pedagógica. (N=27)

Opções	Quant.	%
Compreender as possibilidades de uso pedagógico das novas tecnologias	20	74
Buscar o aperfeiçoamento constante no uso das novas tecnologias	23	85,2
Acompanhar o desenvolvimento de novos softwares pedagógicos em sua área	14	51,8
Desenvolver os próprios softwares para uso pedagógico	3	11,1
Buscar a interatividade constante com os alunos através de recursos disponíveis na <i>internet</i>	11	40,7
Saber utilizar estratégias que envolvam computador e <i>internet</i> que possibilitem a transmissão de conhecimentos	21	77,7
Atuar como mediador entre os conhecimentos proporcionados pela <i>internet</i> e o seu aluno	18	66,6
Utilizar o computador e a <i>internet</i> como ferramenta auxiliar de ensino	24	88,8
Outras	3	11,1

Ao analisarmos a frequência das respostas apresentadas na Tabela 1, podemos concluir que os docentes indicam ser muito importante a compreensão das possibilidades de

uso pedagógico das novas tecnologias. Tal percepção pode ser complementada com o item seguinte, selecionado também por uma grande parcela, relacionado à busca do aperfeiçoamento profissional. Outros dois itens que, a princípio podem se completar, também foram destacados por muitos professores, “saber utilizar estratégias que envolvam computador e *internet* que possibilitem a transmissão de conhecimentos” com 77,7% e “utilizar o computador e a *internet* como ferramenta auxiliar de ensino” com 88,8%. A análise de tais números pode nos indicar a princípio a utilização de um “fazer tradicional”, devido aos termos “transmissão de conhecimentos” e “ferramenta auxiliar de ensino”, mas ao mesmo tempo, pode significar uma percepção de que este “fazer tradicional” já merece ser revisto diante de novas possibilidades de formas de atuação pedagógica.

Em seguida, solicitamos aos docentes, que respondessem a questão: “Você costuma utilizar o *laptop* em suas tarefas docentes em sala de aula?”. Três docentes (11,1%) indicaram que “sempre”, quatorze (51,8%) “periodicamente” e dez (37%) responderam que “nunca”. Dos docentes que responderam nunca, o fato de não se sentirem preparados para o seu uso em sala de aula foi indicado como um dos grandes motivos.

Para os profissionais que utilizam o *laptop* (sempre ou periodicamente) ainda questionamos: “se o(a) sr.(a) utiliza o *laptop* no seu trabalho pedagógico, indique algumas vantagens que tem verificado”. Os dados desta questão se encontram na Tabela 2.

Tabela 2 - Indicações dos professores sobre vantagens que tem verificado em seu trabalho pedagógico a partir do uso do *laptop* com acesso à *internet*. (N=27)

Opções	Quant.	%
Ele agiliza o método tradicional de ensino.	6	22,2
Ele expande as possibilidades de ensino.	12	44,4
Ele estimula a aprendizagem.	15	55,6
Outras vantagens	2	7,4

A análise sobre esta questão foi especialmente significativa para nossa pesquisa, pois nos remete a possíveis mudanças no trabalho pedagógico a partir do uso destas novas tecnologias. Podendo assinalar quantos itens desejasse, os professores puderam optar dentre três itens listados e mais a opção “outras vantagens”. Considerávamos inicialmente que as

duas primeiras opções de respostas oferecidas teriam o caráter do antagonismo, pois “ele agiliza os métodos tradicionais de ensino” e “ele expande as possibilidades de ensino” nos pareciam apresentar características conflitantes e foram incluídas de modo proposital neste questionário, a partir de debates gerados quando da apresentação de dados iniciais de nossa pesquisa em evento científico² relacionado ao tema. Nestes debates, a discussão se encaminhou para o fato de que diversos professores que receberam o *laptop* o estariam utilizando basicamente para a manutenção do “fazer pedagógico tradicional”, quando deveriam (de acordo com alguns debatedores presentes no evento) utilizá-lo como forma de ampliar e modificar tais práticas. Ao contabilizarmos os dados obtidos nesta questão, verificamos que os docentes consultados deram diversas interpretações às opções disponíveis, inclusive a de não antagonismo nas duas primeiras opções, mas sim de complementaridade. Talvez a este docente, agilizar os métodos tradicionais de ensino de forma que se possibilite a expansão e estimulação da aprendizagem, seja etapa natural em sua prática pedagógica.

Tais análises podem ser complementadas com as respostas obtidas na questão seguinte: “com relação às atividades indicadas no item anterior, indique o grau de importância do uso do *laptop*”. Foram dadas três opções: “é fundamental”, “é importante, mas algumas atividades poderiam ser desenvolvidas sem o uso do *laptop*” e por fim a opção “pouco importante”. Constatamos na contabilização das respostas que todos os participantes que responderam a esta questão assinalaram a segunda opção, o que pode ser interpretado de forma otimista, como uma percepção destes profissionais das possibilidades a serem desenvolvidas e exploradas para o uso de novas tecnologias no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que verificamos um certo equilíbrio na possível utilização destas ferramentas, pelo fato de nenhum professor ter assinalado as opções extremas em que o *laptop* é colocado como imprescindível ou pouco importante.

Em questões que se seguiram, nos propusemos a conhecer algumas atividades em que o *laptop* estaria sendo utilizado pelos professores fora da sala de aula. Do grupo consultado, 59,3% indicaram que usam periodicamente o *laptop* em tarefas docentes fora do ambiente escolar e os outros 40,7 indicaram que sempre o usa nestas tarefas. Quais

² Dados iniciais de nossa pesquisa foram apresentados no VI Encontro de Educação e Tecnologias de Informação e Comunicação (ETIC) em novembro de 2008.

seriam então estas tarefas? Dentre uma lista de opções que poderiam escolher quantas desejasse, a preparação de provas e a pesquisa na *internet* prevaleceram.

Quanto ao uso não pedagógico do *laptop*, obtivemos uma grande variedade de respostas, o que talvez nos permita afirmar que neste grupo, pelo menos em grande parte, conta com profissionais que ultrapassaram a etapa do medo do uso de novas tecnologias, principalmente no que se refere ao *laptop* e *internet*. Dentre estas respostas encontramos: ler revistas e jornais, enviar e receber e-mails, pesquisar na *internet*, etc.

Em resumo, diante de todas as informações obtidas nesta parte da pesquisa, podemos descrever as características gerais do docente que recebeu o *laptop* nesta unidade escolar: é jovem (na faixa de 25 a 30 anos), trabalha na rede há aproximadamente dois anos com alta carga horária semanal, possui graduação completa na sua área e busca fazer novos cursos, inclusive sobre o uso do computador. Considera que o recebimento do *laptop* contribuiu bastante para a inclusão digital do docente que trabalha na rede e o utiliza periodicamente em sala de aula por verificar que ele possibilita a expansão das possibilidades de ensino. Considera também esta ferramenta importante, mas não indispensável. Ao utilizar o *laptop* fora de sala de aula, quando o está usando para seu trabalho é principalmente para preparar provas e testes ou realizar pesquisas na *internet*. As atividades não docentes em que o usa são principalmente para enviar e receber e-mails e pesquisa na *internet*. Concorda que o simples recebimento do *laptop* já proporciona uma diminuição dos medos relacionados às novas tecnologias, e que a *internet* pode proporcionar novas formas de prática pedagógica. Concorda também com a importância da escola (em especial a pública) como local de democratização de acesso à *internet*, e que as políticas públicas devem visar a inclusão do professor e de seu aluno. Por fim, indica discordar dos que temem a desumanização do processo de ensino-aprendizagem e acreditam que a utilização das novas tecnologias podem de fato ampliar as possibilidades de acesso ao conhecimento.

A partir da análise das respostas colhidas nestes questionários, selecionamos dois docentes com base na percepção de estarmos diante de profissionais com características e posicionamentos diferenciados com relação à utilização das novas tecnologias dentro e fora da sala de aula. Com o intuito de confrontar ideias, selecionamos posturas antagônicas com relação ao trabalho com esta máquina. Selecionamos, então, um docente que demonstrou

desenvoltura com as TIC e alinhamento com as ideias que defendem a utilização destas tecnologias na prática pedagógica como forma de propiciar novos caminhos, e um outro profissional que apresentou características de estar mais refratário a estas mudanças.

As entrevistas foram executadas tendo por base um roteiro pré-definido com respostas do tipo abertas em que as perguntas foram feitas e respondidas oralmente, gravadas e, posteriormente transcritas para fundamentar esta nossa análise.

O primeiro docente entrevistado tem idade entre 41 a 45 anos, trabalha na rede estadual há 11 anos e possui carga horária semanal superior a 40 aulas semanais. Possui especialização em sua área, e já possuía computador antes de receber o *laptop*, porém até a data de nossa entrevista não tinha freqüentado nenhum tipo de curso relacionado ao seu uso. Costuma usar periodicamente o *laptop* em atividades dentro e fora de sala de aula, para exibição de trechos de filmes, apresentação de aulas previamente preparadas em *slides* e pesquisa na *internet*. Considera a utilização deste recurso como importante, pelo fato de expandirem as possibilidades de ensino e estimularem a aprendizagem dos estudantes. Fora do ambiente escolar, o utiliza para enviar e receber e-mails, comunicar-se através de programas do tipo MSN e pesquisar. Concorda que o computador deve ser utilizado em sala de aula para ampliar as possibilidades de trabalho do professor e que a utilização das novas tecnologias podem ampliar as oportunidades de acesso ao conhecimento por parte dos alunos. Este professor possui um *blog* onde periodicamente disponibiliza aos seus alunos trechos de filmes e livros que possam ser utilizados de forma complementar ao seu trabalho em sala de aula, e também desenvolveu formas de comunicação com os seus alunos através de contas de e-mail em que todos têm acesso, para a envio e recebimento de tarefas pedagógicas. Quando indagado sobre a sua opinião em relação ao projeto Conexão professor, respondeu:

Olha sem dúvida, o *laptop* engrandeceu muita as minhas aulas, não tem como negar... aliás, o *laptop* serve até de estímulo para que as minhas aulas melhorem, por que eu sei que eu tenho uma tecnologia em sala de aula, (...) tenho uma *internet* à minha disposição, então esse conjunto eu acho que fortalece as minhas aulas, eu não posso negar que houve um engrandecimento.

Indagamos em seguida sobre o que em sua opinião seria necessário para que o professor que recebeu o *laptop* da SEE-RJ utilizasse novas tecnologias em sua prática pedagógica.

Perder o medo. Eu acho que o grande medo de alguns professores... é o medo de acessar o computador, é medo talvez de mostrar pros alunos que não entende de informática, não sabe trabalhar com a máquina. Eu confesso que assim que o *laptop* chegou eu tive este receio também. Esse medo tem acabar uma hora e por que não agora? Então, depois que eu usei uma primeira vez ficou uma coisa tão rotineira que eu não consigo mais me ver sem o *laptop* pelo menos uma vez por semana em sala de aula.

Interessante destacar logo no início desta fala do professor, posicionamento idêntico ao do Superintendente de Planejamento da SEE-RJ, Evaldo Bittencourt, para a implantação do projeto Conexão Professor. A derrubada do medo e a ruptura de paradigmas já tornariam o projeto válido, pois “é a possibilidade de primeiro o professor possa se familiarizar com o uso da tecnologia, para depois utilizá-la com segurança no espaço escolar” (ibid., 2008). Retornando ao nosso professor entrevistado, direcionamos a entrevista para o foco de nossa atenção: “Você percebe alguma mudança em sua prática pedagógica a partir do recebimento do *laptop*? Que mudanças seriam estas?”

Eu me sinto muito mais confortável pra dar aulas, por que hoje em dia eu posso de uma hora para outra repensar até uma estratégia de uma aula, porque o *laptop* me proporciona isso. Eu acho que hoje estou mais seguro, as minhas aulas estão melhores e percebo isso através dos alunos. De alguma forma esta questão de só usar o quadro e o giz realmente já está ultrapassado.

A mobilidade proporcionada por esta máquina a este docente lhe permitiu desenvolver formas complementares de seu trabalho em sala de aula, como se fosse uma extensão dos momentos presenciais. Pelas características descritas anteriormente, podemos considerar este docente como sendo incluído digitalmente, embora não se considere como tal. Através de suas respostas percebemos que sua alfabetização tecnológica se dá de forma empírica e com a ajuda de colegas de profissão, o que vem tornando a sua prática pedagógica cada vez mais envolvida com a inovação, visando a melhoria qualitativa do processo educativo no qual está envolvido.

O segundo docente entrevistado foi caracterizado inicialmente como ainda avesso à utilização de diversas novas tecnologias, pois não costumava utilizar o *laptop* no ambiente escolar, preferindo ainda, por exemplo, preparar suas avaliações sem o uso do computador, utilizando a escrita manual ou colagens. Este docente tem mais de cinquenta anos de idade, trabalha na rede estadual de ensino há aproximadamente vinte e três anos, com uma carga horária semanal acima de quarenta e oito horas/aula. Possui graduação completa na área em que leciona, não possuía computador antes de receber o *laptop* da SEE-RJ, porém, informou já ter frequentado um curso relacionado ao uso geral. Desconhece os cursos oferecidos pela SEE-RJ, e considera que o recebimento do *laptop* contribuiu bastante para a inclusão digital do professor, como podemos perceber em sua fala, “É o que faltava aos interessados, e é um desafio aos desinteressados”.

Na sua opinião, para que o professor possa incluir esta e outras tecnologias em sua prática docente é necessário buscar o aperfeiçoamento constante para o uso destas ferramentas, além de acompanhar o desenvolvimento de programas pedagógicos e buscar a interatividade constante com os alunos através de recursos disponíveis na *internet*. Quando indagado sobre o porque de não utilizar o *laptop* nas tarefas docentes em sala de aula, a explicação obtida era de que não se sentia preparado para este uso, mas, podemos perceber sua disposição em aprender a utilizar os recursos do *laptop* através da fala em destaque:

É um verdadeiro desafio. (...) já faz parte do que me proponho diante desta nova realidade para minhas aulas, interessantíssima por sinal, a meu ver. Com vista a um melhor desempenho no trabalho que faço com tanto amor, e a um esforço comum para que este projeto aconteça, promovendo assim uma educação moderna, eu me proponho a vencer barreiras, custe o que custar.

Ao indagarmos sobre as suas impressões a respeito do Conexão Professor, lamentou o fato de talvez, devido à proximidade de sua aposentadoria, não poder acompanhar as futuras mudanças na Educação que poderão acontecer a partir da utilização de novas tecnologias no ambiente escolar.

Olha, eu fiquei encantada, porque a Educação há muito tempo já exigia uma mudança, porque não dá mais para sustentar esse sistema antigo e tal, os alunos querem outras coisas, eles já estão engajados nessa tecnologia,

então trazer uma tecnologia para a sala de aula era tudo que a Educação precisava.

Perguntamos então se estaria recebendo algum suporte para conseguir se adaptar ao uso de novas tecnologias, respondeu: “infelizmente não, do Estado não...”. Sentimos que esta foi uma resposta triste e sincera, e prosseguiu: “por conta própria... um tempinho que eu tenha...”. Diante do questionamento a respeito da possível contribuição à inclusão digital do professor, respondeu que acha que depende de cada profissional, mas que “com certeza, você tem mais acesso, então tem mais oportunidades de aprimorar isso”. Posteriormente, após encerrarmos a entrevista ele ainda elaborou uma comparação para exemplificar como via o projeto Conexão Professor: “é como se eles tivessem dado uma bicicleta para uma criança que nunca a teve e dissessem: se vira por que agora quero ver você andando nela”.

Nos despedimos com a sensação de que estávamos diante de mais um profissional da Educação que embora perceba a relevância da busca constante pela capacitação, talvez não disponha do necessário tempo para tal. Este profissional clama por melhores condições de trabalho, e a possibilidade de participar de cursos que apresentem formas de utilizar pedagogicamente as novas tecnologias. Tais constatações nos remetem às palavras de Leite (1995, apud SAMPAIO e LEITE, 1999, p.88), que argumenta que o papel que a tecnologia desempenhará na escola depende mais de decisões políticas, investimentos em equipamentos, currículos e formação de professores, do que da resistência destes profissionais em utilizar esta tecnologia disponível.

Considerações finais

Verificamos que, pelo menos dentro do universo pesquisado, existe um certo clamor, um pedido do professorado para que lhe seja oferecido algum tipo de suporte para o uso das novas tecnologias. Algo que vá além dos cursos básicos de informática e envolva de forma contínua e colaborativa os interessados na busca por formas de utilizar novas tecnologias em sua prática pedagógica. E que tais capacitações, sejam realizadas dentro da carga horária do professor, não exigindo mais de um profissional que verificamos muitas vezes estar já envolvido em um grande volume de trabalho.

Verificamos também o quão próximos estão as reflexões dos docentes com relação à necessidade de se prepararem para as inovações que nos chegam cada vez mais rápido. Tão próximos, que o leitor desavisado que pegue a frase solta: “A Educação há muito precisava de mudança” (Prof. 6), irá imaginar que se trata do docente que passou a usar regularmente o *laptop* em sua prática pedagógica. Não é. Esse é o docente que não o usa em sua prática pedagógica. Mas é também o docente que nos traz quase um pedido de socorro:

Eu queria que você que está pesquisando, levasse isso para o pessoal que está implementando esse projeto pra que haja essa demonstração, isso é importante, encontros de aulas mesmo, eles mesmos vão passar pra nós como utilizar o computador no computador (...). (Prof. 6).

Quando buscamos compreender que habilidades e competências são necessárias aos professores para utilizarem as tecnologias, verificamos que, antes da proximidade com linguagens informáticas, ou mesmo a participação em cursos, foram destacados: a boa vontade, a disponibilidade para pesquisar, aprender e preparar atividades diferenciadas, além é claro da esperança e a alegria com relação ao novo. A alegria tão citada por Freire (1996): a alegria que é necessária ao docente ao perceber que também ele, o professor, está se educando com todo este processo.

Com relação às respostas para a nossa busca sobre quais mudanças teriam ocorrido na prática pedagógica dos docentes da rede estadual de ensino a partir deste projeto, uma desponta: é perceptível que alguns redobram sua disponibilidade e esperança pelo desejo de melhorar sempre e verificaram que o aprendizado será uma constante em sua prática pedagógica a partir do uso de novas tecnologias.

Ressaltamos que independente das características ou habilidades destacadas por estes docentes, a reflexão que o *laptop*, ou qualquer outra tecnologia, não está sendo encarado como a solução de todos os problemas (e não são poucos) da Educação, está sempre presente nas falas. Mas, podem apresentar formas que adequadamente utilizadas, auxiliam o encontro de algumas delas. Outra significativa mudança é o novo olhar sobre o seu trabalho, a percepção de que o uso de novas tecnologias pode facilitar que o processo de ensino aprendizagem passe a ter um caráter mais colaborativo, onde podem ser criadas redes de conhecimento. Neste caso o professor passa a assumir papéis diferentes do que

está acostumado até então, de detentor e transmissor do conhecimento, passa a ser agente mediador entre o aluno e o conhecimento, uma ponte que pode unir os dois.

Passar a utilizar novas ferramentas, para alguns docentes, significa um grande desapego ao que já dominam e ao que lhes traz segurança. E o novo muitas vezes gera o medo. É preciso muita disposição e a percepção de que Educar para a nova sociedade significa cada vez mais a aprendizagem baseada na troca e na cooperação, no enfrentamento dos riscos, na aceitação do argumento do outro, na aceitação da própria diversidade, na elaboração de hipóteses e no reconhecimento de sua falibilidade. Quem enxerga Educação com esses olhos pode perceber que novas tecnologias podem propiciar a ampliação da comunicação para além dos limites do ambiente escolar e auxiliar a construção do conhecimento.

Concluimos que qualquer que seja o projeto que vise promover a inclusão digital do professor, que se apresente desprovido de um estudo prévio e de um embasamento teórico-pedagógico que o sustente, encontrará grandes dificuldades para ser posto plenamente em prática. Seu sucesso passa a depender quase que exclusivamente da boa vontade e disposição daqueles a quem muitas vezes já são exigidos altas cargas horárias de trabalho dentro e fora de sala de aula.

Referências bibliográficas:

BITTENCOURT, Evaldo. Política de tecnologia Educacional do Governo do estado do Rio de Janeiro. **Palestra proferida no 40^o Seminário Brasileiro de tecnologia Educacional**, 18 de junho de 2008 no Rio de Janeiro.

BITTENCOURT, Comte. ALERJ. **Discurso pronunciado em Sessão ordinária** do dia 14 de fevereiro de 2008.

CABRAL, Sérgio. **Carta entregue junto com laptop aos professores da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro**, março de 2008.

CRESWELL, John W.. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2007. 248 p.

DEL PRIORI, Mary. 10 anos que mudaram o Brasil e o planeta. **Revista Época**, São Paulo, n. 523, p.62-65, 26 maio 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36^a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

HOBSBAWM, Eric. As perspectivas da democracia. In: **Globalização, Democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 115 p.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 141 p.

LUCENA, Simone de. A internet como espaço de construção do conhecimento. In: ALVES, L.R.G.; NOVA, C.C.. **Educação e Tecnologias: Trilhando caminhos**. Salvador: Editora da UNEB, 2003. p. 236-250.

NETTO, Alvim Antônio de Oliveira. **Novas Tecnologias & Universidade**. Da didática tradicionalista à inteligência artificial: desafios e armadilhas. Petrópolis: Vozes, 2005. 247 p.

PORTO, Tereza. A Gratificação produz melhorias para o ensino. Entrevista publicada no **jornal O Dia**, no dia 30 de março de 2008, pág. 10.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação. **Diário Oficial**. ano XXXIV, n. 022 Rio de Janeiro, 2008.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 111 p.

SEPE, Carta aberta. **Troco meu laptop pela verdadeira valorização do profissional da educação e por uma escola pública de qualidade**. (março, 2008). Disponível em: <<http://www.seperj.org.br/site/>> Acesso em: 20.06.09 (A).

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 4. ed. Rio de Janeiro, Rj: Quartet, 2007. 219 p.